

Gritos na margem: a revolta discursiva presente no Hip-Hop e a imaginação política como farol

Renan da Silva Palácios¹

Jenniffer Simpson dos Santos²

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i28.65562>

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise dos enunciados emergentes e insurgentes do movimento Hip-Hop na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, em contraponto aos ideais neoliberais de compartimentalização social e individualização de experiências outrora coletivas. Tendo como referência a produção de um documentário sobre o tema, realizado no mesmo período em que esta pesquisa foi desenvolvida, o foco da análise recai sobre os enunciados de MCs em suas entrevistas, com o objetivo de compreender a prática da imaginação política na estruturação de discursos de resistência às normas de vida neoliberais. A análise em questão foi conduzida paralelamente ao acompanhamento da produção do documentário e à transcrição das entrevistas. O referencial teórico está ancorado na teoria foucaultiana, enquanto o método utilizado é a Análise do Discurso. A materialidade linguística dos enunciados, em relação à marginalização e à resistência ativa às normas sociais e discursivas vigentes, constitui o principal objeto de análise. A partir disso, obteve-se que a imaginação política se encontra efetivamente presente nos discursos analisados, funcionando não apenas como uma forma de imaginar um mundo menos injusto, mas também como um chamado à ação; atuando como um farol que guia os sujeitos marginalizados à resistência, valendo-se da música e da cultura como ferramentas de subversão e transformação social. A imaginação política expressa nos discursos das pessoas entrevistadas não é vista apenas como um ideal utópico, mas como uma realidade concreta, através de práticas cotidianas de artistas e ativistas que compõem o movimento em Dourados.

Palavras-chave: Hip-Hop; neoliberalismo; imaginação política.

Screams on the margin: the discursive revolt present in Hip-Hop and the political imagination as a beacon

Abstract: This paper proposes an analysis of the emerging and insurgent statements of the Hip-Hop movement in the city of Dourados, Mato Grosso do Sul, as a counterpoint to the neoliberal ideals of social compartmentalization and individualization of once collective experiences. Taking as a reference

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: renan.palacios@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5607-533X>.

² Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPs) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/UFGD). E-mail: jennifersantos@ufgd.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9323-0045>.

Recebido em 03/12/2024, aceito para publicação em 22/12/2024.

the production of a documentary on the subject, made during the same period in which this research was carried out, the focus of the analysis is on the MCs' statements in their interviews, with the aim of understanding the practice of political imagination in structuring discourses of resistance to neoliberal norms of life. The analysis in question was carried out in parallel with monitoring the production of the documentary and transcribing the interviews. The theoretical framework is anchored in Foucauldian theory, while the method used is Discourse Analysis. The linguistic materiality of the statements, in relation to marginalization and active resistance to current social and discursive norms, constitutes the main object of analysis. From this, it emerged that the Political Imagination is effectively present in the discourses analyzed, functioning not only as a way of imagining a more equitable world, but also as a call to action; acting as a beacon that guides marginalized subjects to resistance, using music and culture as tools for subversion and social transformation. The Political Imagination expressed in the speeches of the people interviewed is not just seen as a utopian ideal, but as a concrete reality, shaped by the daily actions of the artists and activists who make up the movement in Dourados.

Keywords: Hip-Hop; neoliberalism; political imagination.

Gritos al margen: la revuelta discursiva presente en el Hip-Hop y la imaginación política como faro

Resumen: El presente trabajo propone un análisis de las manifestaciones emergentes e insurgentes del movimiento Hip-Hop en la ciudad de Dourados, Mato Grosso do Sul, en contrapunto a los ideales neoliberales de compartimentación social e individualización de experiencias que alguna vez fueron colectivas. Con referencia a la producción de un documental sobre el tema, realizado en el mismo período en el que se desarrolló esta investigación, el foco del análisis recae en las declaraciones de los MCs en sus entrevistas, con el objetivo de comprender la práctica de la imaginación política en la estructuración de discursos de resistencia a las normas de vida neoliberales. El análisis en cuestión se llevó a cabo en paralelo con el seguimiento de la producción del documental y la transcripción de las entrevistas. El marco teórico está anclado en la teoría de Foucault, mientras que el método utilizado es el Análisis del Discurso. La materialidad lingüística de los enunciados, en relación con la marginación y la resistencia activa a las normas sociales y discursivas vigentes, constituye el principal objeto de análisis. De todo ello se desprende que la Imaginación Política está efectivamente presente en los discursos analizados, funcionando no sólo como una forma de imaginar un mundo más equitativo, sino también como una llamada a la acción; actuando como un faro que guía a los sujetos marginados hacia la resistencia, utilizando la música y la cultura como herramientas de subversión y transformación social. La Imaginación Política expresada en los discursos de las personas entrevistadas no se ve sólo como un ideal utópico, sino como una realidad concreta, moldeada por las acciones cotidianas de los artistas y activistas que componen el movimiento en Dourados.

Palabras clave: Hip-Hop; neoliberalismo; imaginación política.

Gritos na margem: a revolta discursiva presente no Hip-Hop e a imaginação política como farol

*E não adianta fingir que não vê
lado*

*O preconceito é velado
Vê lá do alto do morro qual
corpo vai ser velado, vai ser*

*favelado
É o pai que perde o filho, é o
dedo no gatilho*

*É o medo do homicídio, é a
morte a domicílio, é a guerra*

*nos presídios
Carandiru, Alcaçuz, por aqui
se banaliza genocídios
Pergunta pros índios, pergunta
pros índices
Quantas dessas vítimas são
pretas?
Pergunta lá pro IML
Qual é a cor da pele que
colore suas gavetas? Hein?
Rap é tudo o que o sistema
não queria
Tudo o que o sistema não
queria
Rap é tudo o que o sistema
não queria
É o povo armado de poesia
[...]
Fabio Brazza feat. Vulto –
Armados de Poesia (2020)*

Introdução

Ansiando pela possibilidade de reinventar o mundo (ou a ideia que temos dele) através da resistência coletiva ante ao discurso contemporâneo de individualização/compartimentalização do social, debruçamo-nos sobre um conceito polimorfo e complexo: a ideia de *imaginação política*; o ponto de convergência entre a revolta discursiva presente no Hip-Hop e a possibilidade de um futuro melhor. O entrelace entre ritmo, revolta e a habilidade de pensar crítico-criativamente sobre como a sociedade pode ser (re)organizada, governada e transformada.

Esse trabalho teve como objetivo compreender o papel da imaginação política na estruturação de discursos de resistência ante aos vieses de individuação e compartimentalização do coletivo, amplamente difundidos dentro no neoliberalismo, e também a segregação, violência e preconceitos advindos da operacionalização desse discurso. Propõe-se apresentar, nesse sentido, uma análise sobre o movimento Hip-Hop na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, a partir da perspectiva da análise do discurso, como uma forma de resistência ante a este sistema normativo.

Dessa maneira, propomos aqui uma experiência diferente daquela que usualmente reafirma o pensamento e as práticas hegemônicas, propomos uma escrita disruptiva, parcial, visceral e, acima de tudo, política. Ao optar por estruturar o texto dessa maneira, reiteramos a necessidade de uma psicologia capaz de escutar e amplificar o grito dos marginalizados, excluídos e segregados, que ecoam às margens da sociedade.

Assim sendo, falaremos aqui não somente sobre música, arte e poesia, mas também sobre resistência,

luta por espaço e igualdade de direitos. Sobre como esses discursos, presentes em espaços reais ou imaginados, resistem a outras modalidades discursivas já instauradas, como o neoliberalismo e as suas normas de vida; e também sobre como a Psicologia hegemônica, herdeira de uma moralidade aristocrática, deve cair para a ascensão de uma outra Psicologia contra-hegemônica, fronteira, anticolonial, que “deite e role na lama, que se desfaça da ciência cartesiana e se encha de povo” (Nascimento, 2024, n.p.) e traga para o debate a memória popular, como insistentemente argumenta Maritza Montero (2014) e Martin-Baró (2016).

Partimos da compreensão de que o papel da Psicologia, nesse contexto, não é outro senão o de aliar-se a essas vozes insurgentes, como um potencial instrumento de transformação social. Esse processo envolve não apenas a análise crítica das estruturas opressivas que perpetuam a desigualdade, mas também a análise da materialidade discursiva das narrativas que sustentam o movimento do Hip-Hop, especialmente dentro do contexto douradense.

Assim sendo, tomamos o Hip-Hop, não apenas como movimento cultural, mas como um espaço de resistência e ressignificação. E assim o interpretamos, pois, as letras, as batidas, bem como os enunciados que surgem a partir da construção de coletividades, nos encontros e desencontros possíveis dentro das batalhas de rima, nos eventos culturais e nas “quebradas” de toda a cidade, oferecem um terreno fértil para a expressão das dores, sonhos e aspirações daqueles que foram historicamente silenciados/as.

Dessa forma, para uma melhor compreensão desse fenômeno dentro do contexto douradense, delimitaremos ao longo do texto o enunciado que dá nome a este trabalho. Tal perspectiva justifica-se na necessidade de uma compreensão mais ampla sobre a polifonia que a noção de imaginação política mobiliza, presente nos discursos dos MCs da cidade de Dourados, na formação de comunidades e também no exercício da cidadania em oposição aos ideários neoliberais.

Haja vista a produção do documentário “A cena do Rap em Dourados” (no prelo), no contexto de

um Estágio Supervisionado de Ênfase A (processos psicossociais) do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados, voltamo-nos à análise dos enunciados apresentados pelos MCs em suas entrevistas, buscando compreender o papel da imaginação política na estruturação de discursos de resistência ante aos vieses de individuação e compartimentalização do coletivo, amplamente difundidos dentro no neoliberalismo, e também a segregação, violência e preconceitos advindos da operacionalização desse discurso.

Ao todo, foram entrevistadas quinze pessoas para a realização do documentário, sendo cinco mulheres e dez homens, com idades diversas, que juntos de outros tantos que não puderam ser alcançados na ocasião das gravações, por limitações de tempo, recursos e pessoal, integram o atual cenário douradense do Hip-Hop.

Salienta-se, em consonância a isso, que nem todo o material colhido foi utilizado para análise; apenas alguns dos enunciados apresentados pelos MCs, no contexto da gravação das entrevistas, foram selecionados para fundamentar o presente trabalho. Tal

decisão se fez necessária devido a limitação de tempo para a realização da pesquisa. Por essa razão, foram selecionados trechos específicos das entrevistas de quatro MCs, sendo três mulheres e um homem, e de um grupo de MCs, composto por quatro homens.

A análise dos enunciados foi feita através de uma revisão sistemática das entrevistas transcritas, alinhada a estudos sobre a operacionalização do discurso neoliberal na sociedade contemporânea e as (im)possibilidades de resistência ante as dinâmicas de poder que perpetuam as desigualdades e silenciam os sujeitos das periferias urbanas, sobretudo, quando essas periferias estão em zona de fronteira, como é o caso da cidade de Dourados.

O *corpus* da pesquisa, portanto, pode ser definido como sendo um recorte dos principais enunciados apresentados pelas pessoas MCs durante suas entrevistas; as dinâmicas de exclusão e invisibilização social analisadas a partir de bibliografia básica sobre a temática e a criação de discursos de resistência ao neoliberalismo, enquanto sistema normativo, no contexto da cidade de Dourados-MS. Diante disso, o foco na

materialidade linguística dos enunciados apresentados pelos MCs, relativa à marginalização e a resistência ativa às normas sociais/discursivas vigentes, é considerado o principal objeto da análise realizada. Propõe-se apresentar, nesse sentido, uma análise sobre o movimento Hip-Hop na cidade a partir da perspectiva da análise do discurso, como uma forma de resistência ativa ante ao neoliberalismo e as suas nuances.

Buscou-se, nesse sentido, estabelecer conexões e similaridades, a partir da identificação de imaginação política, entre enunciados que permitissem a compreensão do contexto e das condições de produção de discursos de resistência a esses processos. Esse movimento levou em conta as vinculações históricas, sociológicas e linguísticas, utilizando interpretações pós-estruturalistas e da análise de discurso (Orlandi, 1999).

Partiu-se do princípio de que o discurso não possui uma origem fixa e não responde a uma posse única, mas circula; mesmo que, após ser posto em circulação, sua origem se desfaça, ou seja, esquecida, e que seus sentidos não sejam controlados pelo enunciador

(Pêcheux, 1990). Reconhecemos que a dispersão do discurso segue regras delimitadas por uma ordem discursiva complexa e que a exterioridade é um componente irremediável. Portanto, a identificação da autoria não é o foco da análise; ao contrário, o objetivo é compreender as condições de produção que permitem que algo seja enunciado, compreendido e modificado, ou não, em um determinado contexto espacial e temporal (Orlandi, 1999).

Imaginação política e Hip-Hop

Diante da opressão institucional sobre os corpos marginalizados, surgem movimentos que versam sobre formas de resistência ante a práticas que legitimam e perpetuam desigualdades, abordando a possibilidade de transformações sociais e comunitárias, como é o caso do Hip-Hop. O discurso mantido pelos *rappers* dentro do movimento Hip-Hop é político de resistência e, ao contrário da modalidade discursiva adotado pelas instituições, pode assumir diferentes formas de expressão "marginal", sendo uma delas o próprio *RAP* (Colima; Cabezas, 2017, p. 32).

Dessa maneira, mesmo em condições desfavoráveis, determinadas práticas culturais emergem como práticas de resistência, pregando a coletivização das experiências, mobilização, conscientização e intervenção político-social, indo na contramão daquilo que está, institucionalmente, estabelecido (Oliveira, Sathler; Lopes, 2020), pois as perspectivas construídas dentro desses contextos atuam diretamente na forma como os sujeitos compreendem as relações sociais e a importância da coletividade.

O rap se apresenta então não somente como uma expressão artística, mas como modalidade discursiva que versa sobre as (im)possibilidades de vida e de mudança dos sujeitos marginalizados socialmente. Ao reivindicar espaços públicos, articularem experiências coletivas e promoverem uma crítica ao sistema e aos discursos vigentes, os sujeitos do *underground* subvertem a racionalidade neoliberal, expressando não apenas dissidência, mas criando e ocupando espaços de autonomia e coletividade.

Valem-se da revolta que sentem, decorrente dos processos de exclusão

e invisibilização social, para buscar mudanças e conscientizar a população sobre as estruturas de poder que regem a vida em sociedade. Isso fica claro, por exemplo, nas letras de Eduardo Taddeo, ex-Facção Central, onde o *rapper* diz que:

[...]
Quem não tem o padrão de
vida estabelecido na
constituição federal
Já tá em estado avançado de
putrefação
Quem tem a probabilidade de
uma morte violenta
Por sua condição financeira e
cor de pele
Já sobrevive dentro de um
túmulo
A coroa de flor
É só um detalhe para nós
Que caminhamos sem vida
Na escuridão da indigência
Viver é ter a opção de crescer
profissionalmente
E intelectualmente
De não ser metralhado pela
polícia
De não ser torturado num
sistema prisional
Puramente vingativo
Enquanto não pudermos
impedir o genocídio
O racismo
A alienação
O aprisionamento em massa
A pobreza extrema e a
anulação social
Não passaremos de cadáveres
que respiram
[...]
(Eduardo Taddeo – Estamos
Mortos, 2023)

Dessa forma, suas letras, falas e ações, atuam como um farol para todos aqueles que estão às margens da sociedade, promovendo conscientização e noção de pertencimento, dada a semelhança entre aquilo que é expresso em seus versos e a realidade cotidiana dos sujeitos tidos como "marginais".

A partir dessas constatações, percebe-se, muito claramente, a presença de imaginação política nas narrativas apresentadas pelos *rappers/MCs*, de modo geral; e isso fica ainda mais evidente na medida em que estes sujeitos, dotados de uma posição de fala-poder, não apenas imaginam possibilidades de ação, mas agem, efetivamente, em função da construção política de coletividades insurgentes, buscando a inconformidade como fator comum. Assim sendo, podemos interpretar esse conceito

[...] como uma forma de transcender a realidade política e, assim, desafiar a conformidade. Ela pode ser usada para visualizar possíveis futuros e trazer à vida um passado real, mas distante.

³ No original: "[...] a way of transcending political reality, and thus challenging conformity. It can be used to visualize possible futures and to bring to life a real but distant past. It can be a consciously applied strategy or an unconscious way of processing desire. In a broad sense,

Pode ser uma estratégia aplicada conscientemente ou uma maneira inconsciente de processar o desejo. Em um sentido amplo, a imaginação política destina-se a designar todos esses processos imaginativos pelos quais a vida coletiva é simbolicamente experimentada e esta experiência mobiliza-se com vista à consecução de objetivos políticos (Glaveanu; Saint Laurent, 2015. *apud*. Duncombe; Harrabye, 2021, p. 2. Tradução nossa)³.

Compreender essas manifestações a partir do prisma da análise do discurso nos permite vislumbrar a construção de narrativas que recuperam a centralidade do coletivo e da justiça social, permitindo que os sujeitos imaginem e atuem, politicamente, na contestação das estruturas sociais vigentes. A resistência, então, é tida não apenas como um ato de oposição, mas uma prática criativa que busca construir novos caminhos e possibilidades de resistência, desafiando as imposições de um sistema que desvaloriza a vida comunitária.

political imagination is meant to "designate all those imaginative processes by which collective life is symbolically experienced and this experience mobilised in view of achieving political aims" (Glaveanu and Saint Laurent 2015, p. 559).

O interesse em sufocar as subjetividades e evitar que os indivíduos pensem crítico-criativamente é político. Aqueles que detêm o poder do discurso, possuem a capacidade de manipular a verdade e assim obscurecem a capacidade criativa dos sujeitos, mantendo-os alienados e fáceis de controlar. O sufocamento da capacidade criativa se manifesta na sujeição do discurso e nos atravessamentos que constituem o sujeito que ainda não despertou a consciência sobre a própria situação; diferentemente daqueles que constituem o cenário do Hip-Hop e utilizam da revolta que sentem para imaginar um futuro melhor, valendo-se de uma modalidade discursiva, também política, para geração de mudança.

Dessa maneira, o Hip-Hop se apresenta como uma possibilidade de resistência a partir da formação de uma identidade social e coletiva frente ao discurso neoliberal de compartimentalização do social. Discurso esse que visa a criação de corpos dóceis e obedientes, sem se importar com o processo de exclusão, marginalização, sofrimento psíquico e angústia, sentidos na pele pelos sujeitos que por ele são agenciados.

Assim, a imaginação política oferece o aporte contra-hegemônico que os sujeitos precisam para desafiar as políticas neoliberais e seus efeitos de marginalização, promovendo assim novas formas de pensar e agir que buscam reverter a lógica opressiva e excludente das normas de vida oriundas do neoliberalismo enquanto sistema normativo. Assim, ao compreender a profundidade e as nuances desses processos, pode-se dar início ao desenvolvimento de estratégias de resistência que não apenas contestem, mas transformem as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e o silenciamento das periferias urbanas.

A hegemonia do discurso neoliberal

Historicamente “[...] o neoliberalismo surge como uma tentativa de dar conta das tensões teóricas e das crises econômicas e sociais da transição entre as metades do século XX, mas torna-se uma política econômica e consolida-se, sobretudo, como uma racionalidade governamental” (Coelho; Neves, 2023, p. 3). Entretanto, devido às implicações desse sistema sobre outras áreas para além da economia e a política, o

neoliberalismo, enquanto discurso, tornou-se hegemônico e, mais ainda, transfigurou-se em um sistema normativo.

Um dos principais autores que tratam sobre essa questão é Harvey (2008), que discute os processos formativos desse sistema ao redor do mundo, impulsionado pelo fenômeno da globalização, em sua obra *O neoliberalismo: história e implicações*. No livro em questão o autor descreve o termo como um conjunto de práticas políticas que objetiva o pleno exercício de liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional, caracterizada por direitos à propriedade privada, livres mercados e livre comércio. Todavia, constata-se que, ao longo de seu desenvolvimento, o neoliberalismo transformou a forma como a distribuição de poder ocorre dentro da sociedade, ganhando vida própria e desmembrando-se do capitalismo tradicional, não mais limitando-se a essa definição.

Nesse sentido, estabelece-se novas relações e usos possíveis para o termo, e atribui-se a ele o caráter hegemônico, que se dá, em grande parte, devido a forma e efetividade

como esse sistema afeta e modifica os modos de pensamento dos sujeitos na sociedade, incorporando-se às maneiras cotidianas de interpretação, vivência e compreensão do mundo (Harvey, 2008), além, claro, da forma como fundamenta certas práticas institucionais, legitimando a ideologia neoliberal e sustentando as (novas-velhas) relações de poder.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que,

O neoliberalismo, enquanto racionalidade, é pautado na premissa de que o mercado é o modelo ideal para todas as relações sociais, o que implica em um modo de viver baseado na competitividade, no lucro máximo e na crença de que tudo – ou todos – pode(m) ser negociado(s) (Coelho; Neves, 2023, p. 4).

E que, portanto, não deveria ser reduzido meramente a uma ideologia, tipo de política econômica ou contradição do capitalismo, e sim interpretado como um sistema normativo particular composto por um conjunto de discursos, práticas e dispositivos (Dardot; Laval, 2016) que, para existir, demanda de novos modos de ser e pensar (Foucault, 2005, p. 219).

Visto que o produto desse sistema é um modo particular de ser sujeito (Caponi; Daré, 2020, p. 303), onde os atravessamentos neoliberais e a lógica da individualização influenciam as possibilidades do sujeito (Safatle; Silva Junior; Dunker, 2020), devemos compreender que esse contexto de produção de subjetividades (e porque não vulnerabilidades) molda a(s) forma(s) de resistência e agência dos sujeitos (Furlin, 2013).

Territorialidade e marginalização no cenário douradense

Considerando que as políticas neoliberais frequentemente resultam em segregação socioespacial e reforçam, por meio da opressão e de discursos meritocráticos, as desigualdades sociais, abordaremos o fenômeno da organização espacial da sociedade como um exemplo da manutenção do poder em detrimento das subjetividades e vozes dos sujeitos marginalizados. Entretanto, para que isso seja possível faz-se necessária a compreensão sobre o que é a territorialidade e quais as influências dela sobre o processo de marginalização dos sujeitos das periferias urbanas.

Sack (1986) afirma que a territorialidade pode ser interpretada como um dispositivo de controle social utilizado por certos agrupamentos para delimitar e efetivar o controle sobre um determinado recorte sociodemográfico. Isso resulta de uma complexa relação entre as dimensões políticas, econômicas e culturais de um território, que podem se transformar de acordo com os interesses daqueles que estão em posições de poder. Dessa forma, “a territorialidade passa a ser entendida, então, como estratégia espacial de controle e influência, marcada por intencionalidade por parte dos atores que a acionam” (Soares Junior; Santos, 2018, p. 24).

Assim sendo,

A periferização não é uma consequência natural do crescimento urbano, mas uma forma racional de promovê-lo com a segregação social e espacial, dando aos pobres a pobreza das condições de vida que a própria urbanização segregada produz: distância excessiva, precariedade de transporte e vias de acesso, das construções, da infraestrutura em rede, de segurança, de serviços os mais diversos etc (Espinheira; Soares, 2006, p. 5).

Tal organização espacial é uma manifestação clara das políticas

neoliberais que perpetuam a desigualdade e a exclusão social. Exclusão essa simbólica, diga-se de passagem, uma vez que existem, mesmo que precariamente, estruturas que visam o acesso a “igualdade de oportunidades”, mas que afetam e limitam significativamente as perspectivas e possibilidades de ação dos sujeitos alvo da segregação devido a sua ineficácia. Objetiva-se, a partir disso, criar narrativas que “justifiquem” a exclusão e a desigualdade, na medida em que naturalizam a ideia de que certos grupos sociais são, por natureza, problemáticos e/ou menos merecedores de recursos e oportunidades.

Em última análise, a marginalização, decorrente do uso político da territorialidade em consonância com o discurso neoliberal, serve como uma ferramenta de controle social e visa a manutenção da ordem discursiva estabelecida (Foucault, 2014a), impedindo que os sujeitos marginalizados desafiem as estruturas de poder dominantes (Foucault, 2014b).

No contexto douradense, observou-se claramente esse processo ao mapear os locais onde as batalhas

de rima acontecem ao longo dos dias da semana. Exceto pela chamada “Batalha do Centrão”, que ocorre na Praça Antônio João, localizada bem no centro da cidade, as demais localidades apresentam como padrão e fator comum o distanciamento da região central.

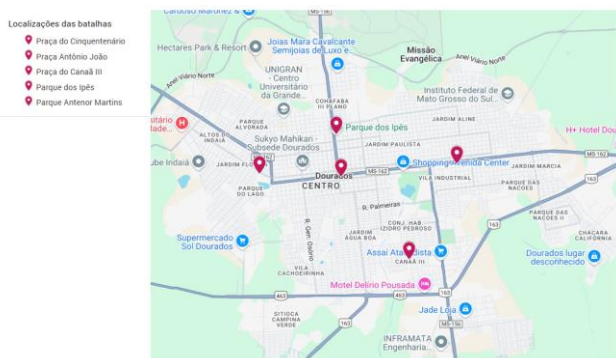
Tal constatação pode ser interpretada como o processo de marginalização, no sentido literal e simbólico da palavra, da cultura Hip-Hop na cidade de Dourados – MS, uma vez que, mesmo contando com a “Batalha do Centrão”, na Praça Antônio João; a “Batalha da 50”, na Praça do Cinquentenário; a “Batalha do C3”, na praça do Canaã 3; a “Batalha dos Ipês”, no Parque dos Ipês e, por fim, a “Batalha do Lago”, realizada no Parque Antenor Martins, não há qualquer incentivo da prefeitura municipal para fomento cultural do Hip-Hop na cidade.

Esse cenário leva os sujeitos que integram o movimento a articular-se por conta própria para viabilizar a expressão da angústia e revolta que sentem em forma de arte e poesia em locais públicos, como uma forma de afirmação de suas existências. Essa dinâmica se aproxima das heterotopias em Foucault (2021), onde as mesmas

demarcam, tal qual o exercício da imaginação política, a transformação de espaços comuns em locais de significação alternativa, onde novas formas de poder e identidade são negociadas e afirmadas a partir do deslocamento da visão disciplinar do espaço público para uma prática de resistência.

ocupação das praças, em sua maioria distantes do centro, expõe a marginalização simbólica e territorial da cultura Hip-Hop, ao mesmo tempo que transforma esses locais em espaços alternativos de poder e expressão. Cada batalha, portanto, reafirma a presença de vozes historicamente invisibilizadas, questionando dinâmicas excludentes e consolidando novas narrativas de pertencimento e protagonismo.

Figura 1: Mapeamento das batalhas de rima em Dourados – MS



Fonte: Autoria própria, 2024.

Essa ideia se fez presente no discurso dos entrevistados, como na fala do *MC 1*, que evidenciou a importância desse movimento de ocupação de espaços públicos no exercício de uma resistência ativa e coletiva ante ao processo de marginalização das batalhas de rima e do movimento do Hip-Hop:

E aí, depois da criação da Batalha, eu fui entendendo, acho que a grandeza de como é participar e organizar o movimento social e cultural, e aí isso também foi um baque pra mim, porque antes de organizar, eu tinha só uma visão de MC, e ainda uma visão muito rasa. E aí, depois organizando, eu tive uma visão mais profunda sobre o que representa estar ali ocupando o espaço público. E aí depois você vê que aquilo ali, e é muito importante, não só por uma questão de movimentar a cena ou de rima, mas para a vida das pessoas que estão participando ali... Aquilo representa muito para as pessoas. (Trecho da entrevista com o MC 1).

Ao destacar o caráter coletivo e a responsabilidade existente na organização e realização das batalhas, os *MCs* enfatizam que tais práticas não são meramente artísticas ou para fins de entretenimento, são também formas de demonstrar poder e jogar luz sobre os processos de marginalização e

silenciamento de determinados agrupamentos sociais; isso ocorre na medida em que mobilizam corpos e mentes contra a opressão institucional e fazem oposição aos discursos hegemônicos vigentes em suas letras e aparições públicas, que ocorrem em diferentes localidades da cidade. Assim, a cultura cumpre seu papel como ferramenta de expressão, mas também representa um modo de resistência ativa, como destacam os entrevistados.

A gente também tá ensinando no palco não só como artista cantando, a gente também tá falando de política ali em cima. A gente também tá levando a militância ali em cima, né? Quando a gente fala da nossa comunidade, quando a gente fala dos problemas que ocorrem dentro da comunidade, é óbvio que a gente tá relatando ali é uma parada de denúncia ali em cima também, né? (Trecho da entrevista com o grupo 1 de MCs).

[...] é um movimento que critica, né? Também crítica ao sistema capitalista, essa é a minha visão sobre o movimento... para mim, todo MC, por exemplo, ele tem que ser um guerrilheiro, uma guerrilheira, porque o capitalismo não é a favor do hip hop... (Trecho da entrevista com o MC 1).

O conteúdo obtido através das entrevistas revela profunda consciência política e criticidade por parte dos atores sociais do movimento; tais elementos são evidenciados por práticas e falas que buscam, através da construção de coletividades, a conscientização da população marginalizada sobre as estruturas de poder presentes na sociedade, como quando afirmam que o que os movem é a coletividade e a responsabilidade sobre estar à frente de um movimento crítico, como destaca o MC 1 ao afirmar

Então, hoje em dia eu acho que o que me move para continuar fazendo a batalha, é essa questão de que não é só sobre uma batalha e sim sobre um coletivo, é sobre uma luta, só que também tem essa grandeza, esse peso, e saber que há uma responsabilidade grande, que não é carregada sozinha, mas ainda é necessário, às vezes aos trancos e barrancos, né? (Trecho da entrevista com o MC 1).

Se fazem presentes nesses enunciados a crítica ao capitalismo (ao neoliberalismo na medida em que se cita a importância da coletividade), e também a visão dos MCs sobre o Hip-Hop como um combatente cultural. Tais narrativas, claramente críticas, emergem como formas de oposição à

hegemonia dos discursos contemporâneos de individualização e compartimentalização do coletivo. A ideia apresentada acima, de “guerrilha” cultural, evidencia que a resistência praticada cotidianamente pelos sujeitos que constituem o cenário douradense do Hip-Hop não é meramente passiva, mas uma contínua prática de subversão e criação de espaços discursivos, reais ou imaginados, como quando falam de seus sonhos e aspirações em oposição a realidade estrutural que a eles se apresenta atualmente. Isso fica evidente quando afirmam seus desejos de romper com as violências que perpetuam a marginalização do movimento.

Pô, primeiro desejo que a gente consiga quebrar essa violência que a cidade tem com a com culturas periféricas, né? Então o primeiro passo é quebrar essa barreira... Então um sonho meu é ter mais apoio da prefeitura, sabe? Pra gente ter, por exemplo, é uma iluminação melhor na praça, pra gente poder ter equipamento disponível, ou pelo menos uma tomada ali pra gente conseguir conectar um microfone e uma caixa... Conseguir ter esse apoio, sem ficar com medo de sofrer violência policial da polícia, passar ali e fazer uma batida e assim, alguma pessoa ser violentada de alguma forma, porque vai ser truculenta, com certeza.... O

impacto da polícia, se ela for lá na praça, como já foi outras vezes nos Ipês, por exemplo, foi truculento de uma forma desnecessária... (Trecho da entrevista com o MC 1).

Outro aspecto relevante apontado é a violência estrutural contra a cultura considerada “marginal” e a necessidade de apoio institucional para a manutenção desse movimento. Algo que está, aparentemente, longe de acontecer. Ao citar a abordagem policial truculenta, revestida de preconceitos, evidencia-se a encarnação do poder disciplinar no sufocamento de qualquer forma de oposição às normas de vida consideradas socialmente aceitáveis, além da tentativa de controle dos espaços públicos como forma de manutenção da ordem e supressão da dissidência. O apoio da prefeitura, nesse caso, é uma tentativa de legitimar a cultura do *underground* nesses espaços e desafiar a repressão advinda dos aparelhos (repressivos) do Estado (Althusser, 1980).

Essa tentativa de legitimação do movimento aparece nas falas de quase todos os entrevistados, ficando evidente quando afirmam que as pessoas que estão fora do movimento

não compreendem a extensão do Hip-Hop enquanto expressão cultural, apenas focam em conceitos pré-estabelecidos sobre como a cultura do *underground* está associada à marginalidade.

[...] acho que no meio do hip hop as pessoas não aceitam aquilo né, é como se fosse marginalizado e tudo mais. (Trecho da entrevista com a MC 2).

E muitas vezes a gente está ali na insegurança, com medo da polícia, mesmo com medo da repressão. Com medo da galera extremista, né? Da política, que acha que ali é coisa de vagabundo. (Trecho da entrevista com a MC 3).

Isso é muito importante porque a gente tá levando a cultura, tirando desse senso comum que a batalha é um lugar marginalizado, onde só traz ideias fúteis e não, a batalha tem muito a agregar na cabecinha de todo mundo. (Trecho da entrevista com a MC 2).

Assim, a noção de marginalização do movimento se fez presente em todas as entrevistas realizadas, sendo apresentada de diferentes formas pelos entrevistados. De um ponto de vista objetivo, pode-se interpretar esse processo como uma estratégia institucional de

desqualificação e controle de práticas culturais que desafiam a norma.

Os/as MCs, enquanto alvos e objetos dessas articulações discursivo-políticas, em oposição a isso, utilizam suas experiências de vida para criar narrativas/discursos que ressignificam o que é ser um "marginal" e reformulam as concepções prévias da sociedade sobre o que é o Hip-Hop, contestando todo o estigma que recai sobre o movimento; demonstrando assim que as batalhas são espaços de construção e disseminação de conhecimento crítico e cultural, como destaca a MC 4.

Toda agência que eu infrinjo efetivamente a nível de sociedade ou a nível de articulações que não estão integradas no que a gente interpreta como sociedade, é através da cultura. Então a minha agência é exclusivamente cultural, assim, o que eu consigo dedicar energia e ver uma mudança acontecendo é através da cultura, então não seria... até eu ser uma agente social, por exemplo, uma assistente, alguma coisa, porque eu penso em trabalhar nessa área, minha agência ela é cultural, e eu acho que é uma forma muito legítima de trazer uma interpretação coerente da realidade do momento que a gente tá vivendo e convidar reflexões e perspectivas pro debate. (Trecho da entrevista com a MC 4).

Além disso, os discursos construídos pelos sujeitos do Hip-Hop douradense servem também como ferramentas de decolonização e unificação de pessoas na medida em que redefinem identidades e desafiam as divisões impostas pelo colonialismo e racismo estrutural. A discriminação contra minorias é destacada, nesse sentido, como um fator de relevância para a análise, uma vez que evidencia como o poder opera através de determinadas práticas discursivas, perpetuando preconceitos e silenciando os gritos daqueles que buscam por direitos.

Nesse sentido, a ascensão social dessas populações e a presença de suas narrativas na grande mídia desafiam essas práticas e reivindicam espaço para as vozes historicamente marginalizadas, jogando luz sobre a violência, literal e simbólica, do preconceito sofrido, como destaca o grupo 1 de MCs.

Aí desde aí, eu falei nossa, cara. Eu pensei, né? Puff, né? Não tem ninguém, né? Que fala por nós, que grita. - Ô estamos aqui! O povo Kaiowá-Guarani, o povo Tereno tá aqui, Mato Grosso do Sul, Pô, né? Não tinha ninguém que falava isso pela gente. Foi, foi quando eu tinha o quê? Uns 6, 7 anos de idade naquela época, saca?

Então é uma parada que já né? Desde pequeno, eu comecei a pensar né? No, no povo... na luta, né? (Trecho da entrevista com o grupo 1 de MCs).

No... na rádio tocando porque você vê que o estado é feito de agronegócio, o estado é feito pelo os fazendeiros, saca? Então ali também já há um preconceito, saca? Já há um... um preconceito contra o indígena e ainda mais por ser um indígena cantando *rap* ainda há mais preconceito ainda, saca? (Trecho da entrevista com o grupo 1 de MCs).

De modo geral, os enunciados apresentados pelos MCs destacam o papel do Hip-Hop como uma forma de denúncia política das não-condições de expressão existentes na sociedade. Essas falas (sejam elas as músicas ou rimas improvisadas) são uma forma clara de expressão da resistência discursiva desses sujeitos ante aos ideários neoliberais e capitalistas de individualização, mérito, sucesso e afins. Diante disso, o "palco", representado pelos espaços públicos da cidade, para além de um espaço de performance, torna-se um local de articulação política, onde questões de ordem comunitária são expostas e debatidas, subvertendo e reconfigurando as relações de poder instituídas e promovendo novas formas

de identidade/agência dos sujeitos do movimento Hip-Hop da cidade de Dourados, sendo a principal ferramenta de transformação social que os sujeitos tidos como “marginais” empunham contra as normas sociais do sistema discursivo/normativo vigente.

[...] pra nós o *rap* hoje, tipo é uma... uma arma que tipo tá quebrando esse corrente, tá quebrando esse barreira que existe entre branco, negros e índios, sabe? (Trecho da entrevista com o grupo 1 de MCs).

Compreende-se, a partir da perspectiva analítica adotada e da análise dos enunciados acima descritos, que a imaginação política se encontra efetivamente inserida nos discursos analisados e serve não apenas para imaginar um mundo igualitário, mas também atua como um chamado à ação, isto é, como um farol que guia os sujeitos marginalizados à resistência e a coletividade.

Destaca-se também a necessidade de adoção de uma perspectiva decolonial para a análise efetiva desses enunciados, que se deu no decorrer do processo de estruturação/organização dos resultados obtidos. Tal ação fez-se necessária na medida em que os

conhecimentos acessados nas principais bases de dados para pesquisa não contemplaram sequer uma terça parte da temática, evidenciando considerável limitação de produções científicas sobre o assunto.

Dessa maneira, conforme evidenciado por Amaral (2021), adotar essa abordagem permitiu uma compreensão mais ampla sobre a estruturação das relações de poder na sociedade a partir do prisma da colonialidade e, por essa razão, foi adotada em complemento à metodologia escolhida para a realização da pesquisa.

A análise resultante disso revelou que os/as MCs não apenas criticam o sistema capitalista e a percepção social negativa do Hip-Hop, mas também constroem novos caminhos através de suas ações. Eles se envolvem ativamente na promoção de eventos culturais, na busca por apoio institucional e na inclusão de artistas locais, mostrando uma resistência prática e contínua ante as desigualdades resultantes dos discursos neoliberal e capitalista.

Ademais, os entrevistados relataram ainda a importância de fomentar a cultura urbana local,

trazendo shows que normalmente não seriam acessíveis e criando espaços seguros para a expressão artística, destacando a necessidade de desafiar os estereótipos associados ao Hip-Hop. As entrevistas também evidenciaram o esforço em incluir mais mulheres e outras minorias no cenário musical, criando uma rede de apoio e visibilidade para essas artistas.

Considerações finais

Ao analisar os enunciados apresentados pelos MCs do cenário douradense de Hip-Hop, à luz da Análise do Discurso, observou-se um movimento constante de resistência à hegemonia discursiva neoliberal, onde os sujeitos utilizam a música e a cultura como meios de subversão e transformação social, isto é, utilizam desses meios para não somente expressar a revolta, produto do processo de marginalização do Hip-Hop, mas também para reivindicar espaço de fala e melhora das condições necessárias para o exercício da cidadania através do *mic*. A imaginação política presente no discurso das pessoas entrevistadas é vista, portanto, não apenas como um sonho utópico, mas como uma

realidade tangível, moldada pelas ações cotidianas dos artistas e ativistas que constituem o movimento na cidade de Dourados.

É importante destacar que pesquisa não só contribui para a compreensão teórica da imaginação política, mas também para a compreensão da importância do Hip-Hop como uma ferramenta prática de transformação social, pois demonstra, através das relações teórico-conceituais elaboradas, como as/os MCs estão ativamente envolvidas/os na construção de um futuro baseado na coletividade, imaginando, politicamente, diferentes formas de resistir às opressões e contradições do sistema normativo vigente.

Ademais, considera-se que se estabeleceram as relações possíveis com os conteúdos acessados ao longo das entrevistas e investigações complementares; e salienta-se que a análise realizada não tem qualquer pretensão de chegar a uma conclusão específica ou a uma verdade absoluta sobre o assunto. Pelo contrário, ela objetiva meramente questionar as estruturas de poder vigentes, colocando em voga a possibilidade de resistência comunitária ante ao

fenômeno de individualização e compartimentalização do coletivo vivido na contemporaneidade.

É importante destacar também que a perspectiva aqui elaborada pode conter limitações conceituais e técnicas, considerando a polissemia do termo em debate e as adversidades encontradas durante o processo de pesquisa sobre informações adicionais de usos possíveis do conceito; dessa forma, os resultados obtidos e as relações estabelecidas correspondem a uma interpretação possível dentre várias outras. Destaca-se, nesse sentido, a necessidade de estudos posteriores sobre o assunto de modo a complementar as informações alcançadas ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, que é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Referências

A CENA DO RAP EM DOURADOS. Direção: Brianne Benites. Produção: Psicologia Social Comunitária – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: no prelo.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos da comunicação. *Extraprensa*, v. 14, n. 2, p. 471-487, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/181765/177645>. Acesso em: 14 mai. 2024.

CAPONI, Sandra; DARÉ, Patricia Kozuchovski. Neoliberalismo e sofrimento psíquico: a psiquiatrização dos padecimentos no âmbito laboral e escolar. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 25, n. 2, p. 302-320, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/39721/32392>. Acesso em: 18 out. 2023.

COELHO, Leticia; NEVES, Tiago. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 3, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/fyMHcpTnkbqQ3qgDhCbLTWz/#>. Acesso em: 20 out. 2023.

COLIMA, Leslie; CABEZAS, Diego. Análise do rap social como discurso político de resistência. *Bakhtiniana*, v. 12, n. 2, p. 24-44, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/3BnLLN97vggjmzfzfgMPX7Qs/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNCOMBE, Stephen; HARRABYE, Silas. Political imagination. *Springer Nature Switzerland*, 2021. Disponível em: <https://c4aa.org/wp-content/uploads/2021/11/Political-Imagination.pdf>. Acesso em 21 out. 2023.

ESPINHEIRA, Gey; SOARES, Antonio Mateus. *Pobreza e marginalização: um estudo da concentração e da desconcentração populacional nas metrópoles latino-americanas: o caso de Salvador, no Brasil*. 2006. Disponível em: http://www.contatosociologico.crh.ufba.br/site_artigos_pdf/Pobreza%20%20e%20Marginalizac%C3%A3o%20em%20Salvador-BA.txt.pdf. Acesso em: 27 out. 2023.

FABIO BRAZZA feat. Vulto. *Armados de Poesia*. Spotify. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2wnWqVpMD0S4oXW9eIHb3a?si=a50d7de9bda64532>. Acesso em: 09 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Gallimard, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 16, n. 2, p. 395-403, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/32198/17172>. Acesso em: 03 nov. 2023.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1996.

MONTERO, Maritza. *Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Paidós, 2024.

NASCIMENTO, Letícia. O que há de nojento em desejar uma Psicologia que se faça a sangue, pus e suor? In: OLIVEIRA, Esmael; SATHLER, Conrado (org.). *Por entre sangue, pus e suor: Nas tessituras de uma psicologia encarnada*. São Paulo: Editora Devires, 2024. Disponível em: https://editoradevires.com.br/sdm_downloads/por-entre-sangue-pus-e-suor-nas-tessituras-de-uma-psicologia-encarnada/. Acesso em: 27 out. 2023.

OLIVEIRA, Esmael; SATHLER, Conrado; LOPES, Roberto. RAP como Educação para a Resistência e (Re)existência. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 37, n. 2, p. 388-410, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/10986>. Acesso em 27 out. 2023.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. In GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EdUnicamp, 1969.

SACK, Robert David. *Human territoriality: Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAFATLE, Vladimir, SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SOARES JUNIOR, Amilton Quintela; SANTOS, Mauro Augusto. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. *Geografia*, Londrina, v. 27, n. 1, p. 7-25, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/32321>. Acesso em: 03 nov. 2023.

TADDEO, Eduardo. *Estamos Mortos*. Spotify. 2023 Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0GzjY9zZ7suV07eloCEV95?si=b336883f783e448e>. Acesso em: 09 ago. 2024.